

Alguns princípios como fundamentos da educação popular

Carlos Rodrigues Brandão

1º. O primado do valor original e absoluto da pessoa humana

Qualquer que seja o tipo de um governo e a vocação de uma sociedade, a pessoa humana é sempre o seu sujeito e a sua razão de ser de tudo o que há, e de tudo o que se faz, realiza e transforma.

Individual ou coletiva, a pessoa humana constitui um valor irreduzível em si mesmo. E todos os projetos e todas as políticas sociais devem ter cada pessoa e os coletivos de todas as pessoas de um povo, de uma nação, da humanidade como a origem de suas ideias e ações, e com as suas destinatárias essenciais.

Na relação “triangular” entre a sociedade civil, o poder de estado e o mundo do mercado, a única instância de valor substantivo e original é a sociedade civil. É a comunidade de mulheres e homens que individual e coletivamente constituem a substância única de realidade, valor e sentido em-si-mesma.

Um projeto ao mesmo tempo humanista, solidariamente socialista e emancipador, realizado através de qualquer modalidade de prática da educação, não pode subordinar-se e nem constituir como horizonte de suas realizações um poder de estado. Menos ainda o ideário e o poder do mundo do mercado.

O seu lugar de origem é a sociedade civil. o seu cenário de realização é também ela. E seu horizonte de destino são as pessoas que a habitam e constroem.

2º. A igualdade dos saberes e a vocação humana ao diálogo

Cada ser humano é uma fonte de vida, de experiências pessoais e de saberes próprios que a torna única, como uma fonte original de valor e de conhecimento. Assim também acontece com cada cultura e com cada coletivo cultural. Culturas são diferentes umas das outras. São originalmente diferentes e não hierarquicamente desiguais.

Assim sendo, todo o saber, todo o aprendizado e toda a ação social entre pessoas devem realizar-se sempre como vivências interpessoais e culturais de e entre diálogos. Quem quer que sejam as pessoas participantes de um “momento de partilha de criação de saberes” (leia-se: educação), a sua verdadeira vocação está na sua abertura ao encontro com o outro no diálogo entre seres iguais, livres e responsáveis por si mesmos, pelos outros e por seus mundos de vida e de trabalho.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. ... Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico¹.

3º. O diálogo como comunicação transformadora de consciências e culturas

Não somos apenas mentes que adquirem e acumulam informações e conhecimentos para permanecermos como sempre fomos. Somos e seres que transformam o que aprendem e conhecem através de formas pessoais e dialógicas de consciência. A formação de consciências autônomas, críticas, criativas e amorosamente dialógicas é a razão de ser do aprendizado.

E esta forma de aprendizado deve ser a razão de ser da educação. Pessoas não aprendem apenas para serem capacitadas através da informação. Aprendem para conhecerem. E conhecem para compreenderem. E compreendem para agir. Assim pessoas não aprendem para acumularem conhecimentos, mas para continuamente processarem saberes ativamente adquiridos como reconhecimento pessoal e interativo de si mesmas, dos outros e do mundo. Conheço quando faço parte do que é conhecido. Conheço conscientemente quando penso por conta própria e responsabilmente qual o sentido humano e social do que estou conhecendo.

Todo o saber do acontecer de uma educação popular é uma experiência de reciprocidade. Todo o saber que circula e com o qual se ensina e aprende não é propriedade de quem sabe, não é uma posse. É, ao contrário, um bem de troca, logo, é um dom reciprocidades.

Numa experiência plena de educação popular não existem professores *versus* alunos, e nem professores *e* alunos. Todos os participantes são ensinantes que aprendem e são aprendentes que ensinam. Ou todos são educadores que aprendem e educandos que ensinam.

Devo repetir ainda uma vez. Uma educação de vocação popular encontra na partilha de diálogos o seu chão e o seu céu. O seu ponto de partida, o seu percurso e o seu ponto de chegada. O diálogo não é apenas uma metodologia de ensino e nem é uma meta abstrata entre outros. O diálogo entre-nós é o fundamento dela, e a substância de todo o seu processo e é o seu objetivo essencial. Mais do que ensinar a aprender informações, conhecimentos e saberes, esta modalidade de educação pretende criar condições para que o meu-saber se transforme num saber compartilhado entre-nós.

¹ Está na página 94 do livro *Pedagogia do Oprimido*. Ele foi publicado pela Editora Paz e Terra, de São Paulo, em 1970. Existem várias edições posteriores e inúmeros artigos e livros que de um modo ou de outro comentam as ideias contidas no livro.

Todo o processo da educação popular é, portanto, regido por uma horizontalidade de participantes iguais em suas diferenças. Ela parte de um princípio dito e repetido aqui: qualquer pessoa é uma fonte única e irreversível de seu próprio saber-de-vida. Todas as modalidades de saber são equivalentes enquanto valor e são válidas através de suas diferenças.

As mais diversas circunstâncias da vida e do destino de uma pessoa, de um pequeno grupo ou de uma comunidade são, em si-mesmas, fontes e repertórios de saberes essenciais. O que se vive em uma situação educacional formal complementa estes saberes, dialoga com eles e não os desqualifica e nem trabalha no sentido de os substituir por outros saberes. Em cada pessoa ou grupo cultural o que se aprende na educação popular comunitária, como uma troca, uma reciprocidade e um diálogo, deve resultar em uma progressiva integração entre os saberes-de-vida e os saberes-de-escola.

Não se lucrar, ganhar com o saber que se aprende. Ele também não é meramente “acumulativo” no interior da pessoa que aprendeu saber. Ele pode ser útil sem precisar ser limitadamente funcional. Pode ser funcionalmente aplicável, sem ser competitiva e individualisticamente utilitário. Todo o saber que se acrescenta ao que se sabe, deve resultar em motivações e ações de partilha e de serviço e, não, de ganho, lucro e poder. Ao contrário do competente-competitivo, o consciente-cooperativo.

4º. O destino do conhecimento conscientizador é um ponto de origem de ações sociais transformadoras, emancipadoras e decolonizadoras

Uma das decorrências de uma mente consciente através do aprendizado no âmbito de uma educação libertadora, é a consciência de que o mundo em que vivemos foi e segue sendo construído através de ações de/entre pessoas e de/entre coletivos humanos. Ele é uma criação social, e se em um momento de sua história um “mundo social” não corresponde a como deveria ser uma sociedade livre, justa e fraterna, cabe às pessoas que nele vivem, a partir dos agentes das camadas populares, realizarem a sua transformação.

Existe um critério absoluto para determinar a qualidade de uma mudança ou transformação social? Sim: ela deve ser sempre humanizadora. Deve representar sempre e de maneira irreversível um acréscimo de valor humano. Um aumento de condições através das quais as pessoas e todas as pessoas de uma formação social possam viver cada vez mais uma vida plena e feliz. Isto é: uma vida de qualidade, criativa, livre, corresponsável e solidariamente partilhada, em uma sociedade justa, democrática (de fato), igualitária, multicultural, não excludente, e aberta à constante mudança.

5º. O chamado à participação de todos, a partir das pessoas do povo tomadas como classe social

Em uma sociedade onde a imensa maioria das mulheres e dos homens pertence às camadas sociais populares, não apenas por isso são as pessoas do povo aqueles a quem devem ser destinados recursos e projetos que reverterão a sua própria condição de pobreza, exclusão e marginalidade.

Mais do que isso, pessoas das camadas populares devem se tornar os próprios agentes ativos e críticos de sua formação e da transformação de suas culturas (modos de ser, de viver, de sentir, de criar e de pensar) a partir delas próprias. E a partir de seus valores e tradições, em direção à transformação da própria vida social que elas constroem com seus saberes e trabalhos.

6º. A partilha solidária da vida e do saber

Aprender, a saber, começa por partilhar de maneira ativa e proveitosa da construção coletiva do saber que pessoalmente se aprende. Uma “turma de alunos”, que eu prefiro chamar de “uma comunidade aprendente” cria e recria os seus saberes a partir dos quais cada integrante realiza a interiorização pessoal de seu quinhão de saber. Participando de uma comunidade aprendente colocamos o que trazemos como nossa experiência pessoal de saber. E “retiramos” de um todo partilhado a nossa parte individual daquilo que cada um de nós, no interior de um Entre-Nós, adquire e aprende.

Construir saberes, aprender e saber é, portanto, sempre uma experiência sempre Entre-Nós. A aquisição da informação pode ser solitária. O aprendizado de um conhecimento é um diálogo entre eu e um outro (como o diálogo com o autor cujo livro eu leio). O aprendizado do saber é sempre uma atividade vivida como diálogo entre-nós. Não sendo posse de qualquer pessoa, o saber (da sabedoria) deve livremente fluir entre todos.

Aprender a saber é saber transformar-se.

Ser mais si-mesmo igual e diverso, por efeito da vivência do processo de criar saberes e sentidos, através do que o aprendido transforma o-que-eu-sei, e assim, transforma quem-eu-sou. Sendo uma pessoa que ao aprender se transforma, eu me transformo em um agente de transformações.

Assim sendo, podemos encerrar esta breve síntese lembrando uma vez mais que a razão de ser da educação popular é formar pessoas reciprocamente transformadas, e destinadas a se constituírem como agentes solidários de transformação de suas vidas, de seus destinos e de seus mundos de vida.

7º. A pedagogia da esperança

Pedagogia da Esperança é um livro de Paulo Freire que sucede e repensa o *Pedagogia do Oprimido*. Paulo viveu uma vida inteira como um persistente educador. Tal como tantas outras e outros aqui na América Latina, ele conviveu sempre com coletivos de ação e esperança. Não foram poucos os momentos de sofrimento e de um quase desânimo. No Brasil, no Chile, na África ele conviveu bem mais com experiências emancipatórias abortadas por um “golpe de estado”

ou a passagem de um governo popular a um autoritário e subordinado ao mundo empresarial. Assim eu também e várias pessoas que, como Paulo e eu, viemos de cinco ou seis décadas “envolvidos com a educação popular”. Um dia publiquei um livro coletivo, após em uma viagem com Paulo Freire à “Nicarágua Sandinista”, com este nome: *Lições da Nicarágua – a experiência da esperança*. Anos mais tarde assistimos ao que aconteceu com a Nicarágua e como uma vez mais os poderes anti-povo tomaram o governo e reverteram o que começou sendo uma das mais esperançosas reconstruções sociais na América Latina.

Nem por isto e nem por mais do que isto aprendemos a desistir. Afinal, o “inédito viável” nos parece realisticamente estar sempre diante de nós, por distante que seja o horizonte em que o vemos... ou presentimos.

Ser educador. Saber ensinar para ser superado por aqueles com quem dialoga e a quem ensina. Quero repetir aqui uma pequena e fundadora passagem da vida de Paulo Freire. Ela me foi contada não por ele, mas por Moacir Gadotti, que foi o interlocutor do que houve.

Um grupo de educadores em São Paulo resolveu criar um instituto de educação popular com o nome de Paulo Freire. Em uma pequena comissão foram até ele propor a iniciativa. Paulo ouviu a proposta e a seguir respondeu: “vejam, se for para me repetir, não vale a pena. Mas se for para me superar, aí sim. Podem criar”.

***Este documento compõe uma sequência de escritos
ao redor da educação popular.***

Não os pensei e nem os escrevi com preocupações acadêmicas.

***Eles são para serem lidos e dialogados
como “exercícios livres de escrita”.***

Estão livres de cuidados preocupações científico-acadêmicas.

***E são rascunhos de escritos “atirados nas nuvens”
e solidária e gratuitamente disponíveis para quem os queira ler,
ou dar a eles uma qualquer destinação.***

***As mesmas palavras e ideias
poderão estar presentes em vários escritos.***

***Outros escritos meus entre
a literatura, a antropologia e a educação,
podem ser também livre e gratuitamente acessados em:
www.apartilhadavida.com.br***